

A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NA PRIMEIRA INFÂNCIA A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Recebido em: xx/xx/xxxx

Aceito em: xx/xx/xxxx

DOI: 10.25110/akropolis.vXXiX.2024-00000



Leonardo Marcon Lorençato¹
Maria Eduarda Sampaio Athaides²
Patricia Alves Pereira³
Ronaldo Pereira Barboza⁴

RESUMO: O presente artigo se utilizou de revisão bibliográfica com o objetivo de compreender a influência do ambiente familiar no desenvolvimento da linguagem e as implicações psicológicas e sociais produzidas nesta vivência. Buscou-se abordar as características que envolvem esses sujeitos e refletir sobre como essas dinâmicas e interações influenciam o desenvolvimento da linguagem e a formação da identidade da criança. A metodologia envolve a análise de estudos anteriores e literaturas atuais relevantes sobre o tema. Fundamentou-se nos princípios teóricos da Psicologia Histórico-Cultural, destacando-se os seguintes fundamentos/conceitos: internalização, zona de desenvolvimento proximal, mediação simbólica, linguagem, aprendizagem e desenvolvimento humano.

PALAVRAS-CHAVES: Infância; Linguagem; Psicologia.

THE INFLUENCE OF THE FAMILY ENVIRONMENT ON THE DEVELOPMENT OF LANGUAGE IN CHILDHOOD FROM HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY

ABSTRACT: This article used a literature review with the aim of understanding the influence of the family environment on language development and the psychological and social implications produced by this experience. We sought to address the characteristics that involve these subjects and reflect on how these dynamics and interactions influence the development of language and the formation of the child's identity. The methodology involves an analysis of previous studies and current relevant literature on the topic. It was based on the theoretical principles of Historical-Cultural Psychology, of which the following foundations/concepts stand out: internalization, zone of proximal development, symbolic mediation, language, learning and human development.

¹ Acadêmico do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR

E-mail: leonardo.lou@edu.unipar.br

² Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR

E-mail: m.athaides@edu.unipar.br

³ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR

E-mail: patricia.pereira.01@edu.unipar.br

⁴ Docente do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR

E-mail: ronaldo.barboza@prof.unipar.br

KEY-WORDS: Infancy; Language; Psychology.

LA INFLUENCIA DEL ENTORNO FAMILIAR EN EL DESARROLLO DEL LENGUAJE EN LA PRIMERA INFANCIA A TRAVÉS DE LA PSICOLOGÍA HISTÓRICO-CULTURAL

RESUMEN: En este artículo se utilizó revisión de literatura con el objetivo de comprender la influencia del entorno familiar en el desarrollo del lenguaje y las implicaciones psicológicas y sociales producidas por esta vivencia. Se buscó abordar las características que involucran a estos sujetos y reflexionar sobre cómo estas dinámicas e interacciones influyen en el desarrollo del lenguaje y la formación de la identidad del niño. La metodología involucra el análisis de estudios previos y literatura relevante actual sobre el tema. Se basó en los principios teóricos de la Psicología Histórico-Cultural, de los cuales destacan los fundamentos y conceptos: internalización, zona de desarrollo próximo, mediación simbólica, lenguaje, aprendizaje y desarrollo humano.

PALABRAS CLAVE: Infancia; Lenguaje; Psicología.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma revisão bibliográfica, cujo objetivo é abordar a influência do ambiente familiar no desenvolvimento da linguagem das crianças, com um foco particular em crianças na primeira infância, um estágio crucial para o desenvolvimento e aquisição da linguagem, utilizando-se dos princípios teóricos da Psicologia Histórico-Cultural (PHC).

A Psicologia Histórico-Cultural é um sistema teórico desenvolvido pelo psicólogo russo Lev Semionovich Vigotski (1896-1934) e seus colaboradores, Alexei Nicolaevich Leontiev (1903-1979) e Alexander Romanovich Luria (1902-1977) no período pós Revolução Russa (1917-1923) e foi amplamente embasada nos métodos do Materialismo Histórico-Dialético desenvolvido por Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895).

Esta teoria oferece uma perspectiva única sobre o desenvolvimento do psiquismo humano, considerando que este é construído a partir das relações sociais e culturais. Este processo seria possível considerando que o ser humano a partir do seu nascimento se apropria dos instrumentos e símbolos produzidos pelas gerações anteriores. Neste viés, Leontiev (1978, p. 267) discorre que as características e aptidões “[...] especificamente humanos não se transmitem de modo algum por hereditariedade

biológica, mas adquirem-se no decurso da vida por um processo de apropriação da cultura criada pelas gerações precedentes”.

Seguindo o pensamento do mesmo autor supracitado, podemos sintetizar que o ser humano não se desenvolve condicionado por sua natureza biológica, uma vez que, “o que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana” (LEONTIEV, 1978, p. 267).

Neste mesmo sentido, por considerar esta forma de transmissão e aquisição da cultura consequência da evolução da espécie, uma condição particular do ser humano, Leontiev (1978, p. 265) aponta que “esta forma particular de fixação e de transmissão às gerações seguintes das aquisições da evolução deve o seu aparecimento ao fato, diferentemente dos animais, de os homens terem um atividade criadora e produtiva”. Portanto,

Pela sua atividade, os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função do desenvolvimento das suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção destes objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e outros bens materiais. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante e deles mesmos enriquece-se, desenvolvem-se a ciência e a arte” (LEONTIEV, 1978, p. 265).

Dentre as tantas aquisições ocorridas no âmbito social do ser humano, Vigotski confere fundamental importância à linguagem, destacando sua relevância para o desenvolvimento cognitivo, entendendo a linguagem como uma ferramenta crucial para a comunicação e a aprendizagem, bem como para a própria existência humana.

Vigotski, Luria e Leontiev (2010), compreendem que o ambiente familiar influencia diretamente no desenvolvimento linguístico das crianças, sobretudo na primeira infância, entendida como um período que vai do nascimento até os 03 anos de vida. Cabe ressaltar que a idade cronológica é utilizada por estes autores a título de exemplificação de situação temporal, visto que, que veremos adiante, os estágios do desenvolvimento humano dependem das condições de sociabilidade e do contexto cultural que a criança está inserida.

O desenvolvimento humano e da linguagem infantil são fortemente influenciados e construídos pelas interações sociais e principalmente familiares, que são

estabelecidas entre as crianças e os adultos. Estas vivências têm grande importância no desenvolvimento das habilidades, pois é a partir da linguagem que a criança irá se utilizar do meio em que vive, entendendo as mediações expostas a ela, conforme dito por Martins (2012, p. 14), “a linguagem passa a ser o meio ou o modo mais importante que os seres humanos possuem para formar conceitos e para aprender”.

Partindo das considerações de que a Teoria Histórico-Cultural considera o desenvolvimento humano como um processo social e cultural e enfatiza a importância das interações sociais e da cultura na formação do indivíduo, a família é vista como um microcosmo da sociedade, desempenhando um papel crucial na transmissão da linguagem e na formação do indivíduo. É sobre este complexo processo que nos debruçamos neste estudo.

2. CARACTERIZANDO O DESENVOLVIMENTO HUMANO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Quando falamos da primeira infância é importante inicialmente conceituá-lo, e assim o faremos utilizando das bases teóricas vigotskianas, que compreende este momento como período caracterizado do nascimento até os 03 anos de idade, entendendo que a idade biológica é apenas para uso cronológico do estudo e que o desenvolvimento está vinculado às condições subjetivas da vida. Este esclarecimento se faz necessário, uma vez que,

O psiquismo passa por sucessivas mudanças ao longo da vida, e nesse processo é possível identificar diferentes estados com características próprias. A questão que se coloca é que a existência dessas “fases” não é decorrência exclusiva ou direta da maturação do organismo: o critério cronológico ou etário não é a determinação que explica as mudanças do psiquismo no curso do desenvolvimento em seus aspectos mais decisivos. (PASQUALINI, 2016, p. 67).

Para a mesma autora, o estudo sobre a periodização do desenvolvimento humano, a partir dos pressupostos teóricos da Psicologia Histórico-Cultural, nega a existência de “fases” naturais que sejam válidas para todos os seres humanos, sendo mais assertivo então, utilizar a conceituação de período, estágio, momento ou época do desenvolvimento.

Antes de abordar o desenvolvimento infantil após o nascimento, um adendo se faz necessário, trata-se da compreensão teórica no período da gravidez. Começando na

vida uterina, momento este onde a criança está em formação biológica, com certo tempo de desenvolvimento o feto começa a ter respostas, pois o seu sistema neurológico está se formando, então o mesmo começa a reagir a toques na barriga e barulhos ao seu redor, neste momento toda a atividade é reflexiva, ou seja, mesmo reagindo aos sons externos, ele não os entende (GLOZMAN, 2014).

Glozman (2014) indica ainda que no período embrionário, já é criado um vínculo emocional, e estes estão diretamente ligados ao estado de emoção da mãe, ao ambiente de desenvolvimento do feto e aos fatores bioquímicos que o sustentam. Seguindo esse raciocínio, após o nascimento, de acordo com Vicentini, Stefanini e Vicentini, 2009 apud Martins (2016, p. 95), “as conexões nervosas se produzem não na unilateralidade das excitações naturais internas, mas sim nas vinculações objetivas entre o organismo e as condições que lhe conferem as possibilidades para existir”, ou seja: as conexões nervosas não são formadas apenas por estímulos internos, mas principalmente pelas interações entre o organismo e o ambiente ao seu redor. Isso enfatiza a importância do contexto e das condições externas no desenvolvimento e funcionamento do sistema nervoso.

Leontiev (1978) indica que cada período histórico do desenvolvimento infantil é caracterizado por uma atividade dominante que representa a principal função de ocupação e atuação da criança frente à sua realidade concreta naquele estágio. Como descrito por Martins (2016) “As conquistas realizadas no primeiro ano de vida oportunizam profundas mudanças no modo de a criança relacionar-se com o mundo”, momento este descrito por Vigotski como “primeira infância”, culminando na necessidade de uma subdivisão desse período, divisão proferida por Vigotski (1996) que separou nos períodos do nascimento até 1 ano de idade e de 1 até 3 anos de idade.

Facci (2004) salienta que na primeira infância, num momento inicial, após o nascimento até aproximadamente um ano de vida, a atividade principal é a *comunicação emocional direta dos bebês com os adultos*. “Já no primeiro ano de vida, a conduta da criança começa a reestruturar-se e cada vez mais aparecem processos de comportamento em virtude das condições sociais e da influência educativa das pessoas que a rodeiam” (FACCI, 2004, p. 67).

Neste período,

a relação da criança com a sociedade, num processo de assimilação das tarefas e dos motivos da atividade humana e das normas de relacionamento que as pessoas estabelecem durante suas relações, o

bebê utiliza vários recursos para se comunicar com os adultos, como o choro, por exemplo, para demonstrar as sensações que está tendo e o sorriso para buscar uma forma de comunicação social. (FACCI, 2004, p. 67).

Para Martins (2016) é na comunicação emocional com o adulto que a criança desenvolve suas primeiras ações sensoriais e motoras de orientação e manipulação, e essas ações são motivadas pela exploração, pois agora a criança consegue manipular objetos. No primeiro ano da vida, o adulto é o centro para a criança, mas com o passar do tempo a criança muda seu foco para entrar em cena objetos que agora podem ser livremente alcançados.

Vigotski (1996, p. 345) afirma que nesta etapa da infância é desenvolvida a percepção, pois segundo o próprio, “como toda a consciência atua sobre a base da percepção, esta se desenvolve antes que as demais funções”. É a partir desta percepção que se inicia a linguagem da criança, conforme exemplifica Martins (2016, p. 114).
Veja:

O desenvolvimento da linguagem enquanto meio de comunicação, como possibilidade de compreensão de fala dos adultos e expressão de seus desejos por meio de palavras, produz uma reorganização da percepção infantil, pois a criança passa a perceber os objetos no interior de um todo que possui propriedades físicas, mas também determinado significado.

Para Vigotski (1996) a criança com um ano de vida já consegue pronunciar algumas palavras, mas é entre seu segundo e terceiro ano que acontece a ampliação do vocabulário por meio do domínio da face fonética da palavra. Facci (2004, p. 68) contribui, ao dissertar que “até mais ou menos os 18 meses, a criança ainda não consegue descobrir as funções simbólicas da linguagem, que é uma operação intelectual consciente e altamente complexa.

Conforme Facci (2004, p. 68), após o primeiro ano de vida, “em um segundo momento, ainda na primeira infância, a atividade principal passa a ser a *objetal-instrumental*”. É neste período que “a comunicação emocional dá lugar a uma colaboração prática. Por meio da linguagem, a criança mantém contato com o adulto e aprende a manipular os objetos criados pelos homens [...]”

Martins (2016) salienta que o desenvolvimento no segundo e terceiro ano cresce significativamente, pois o interesse da criança aumenta pelos objetos ao seu redor e pela

necessidade de compreensão de sua funcionalidade social. Como os gestos do adulto sem a fala não o satisfaz, para saciar o aumento do interesse, a criança passa a requerer novas informações do adulto, e para isto precisará desenvolver sua linguagem. Desta forma, utilizando-se dos objetos, o adulto ou uma criança de mais idade, potencializa a linguagem na criança, pois esta, tem, em si, o anseio de descobrir a funcionalidade social do objeto apresentado.

A partir da manipulação dos objetos com a criança, esta desenvolve a linguagem no cruzamento dela com o pensamento, este cruzamento é descrito como um momento crucial no desenvolvimento da criança, uma vez que possibilitará o aparecimento de uma nova realidade psíquica, ou seja, “a convergência entre pensamento e fala constitui o momento mais importante no desenvolvimento de um indivíduo e é exatamente essa conexão que coloca o pensamento humano numa altura sem precedentes (VIGOTSKI, LURIA, 1996 p.209 apud MARTINS, 2016 p.115).

Dessa forma, podemos perceber que a linguagem desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo infantil, considerando que esta converge com o pensamento e possibilita a evolução de outras funções mentais. É sobre essa relação entre linguagem e pensamento com o desenvolvimento do psiquismo que aprofundaremos a seguir.

3. A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A linguagem, que é um fundamento básico para o desenvolvimento e aprendizagem, pode ser entendida como uma organização de símbolos, com propriedades singulares que perpetram a função de codificação, estruturação e consolidação de dados sensoriais, assim, permite que seus conteúdos sejam transmitidos, ou simplesmente pode ser definida como uma troca de informação (SCOPEL; SOUZA; LEMOS, 2012).

Os símbolos, dentro da linguagem, são combinações sociais repletas de significados, em que o sujeito partilha sua atenção com o outro, assim, conduz o seu pensamento - ou estado mental - para o mundo à sua volta. O início do desenvolvimento da linguagem, onde o primeiro contato é no ambiente familiar, é primordial para a aprendizagem da criança (MOUSINHO et al, 2008).

A linguagem é uma fonte essencial para a aprendizagem e desenvolvimento de habilidades cognitivas, visto que, esse desenvolvimento está fortemente relacionado às

atividades realizadas, de acordo com a circunstância cultural que a criança está inserida. Estes fatores têm forte influência na forma que o indivíduo aprenderá a pensar, posto que a linguagem tem um papel fundamental no progresso do pensamento, crianças com baixo desenvolvimento “na alfabetização apresentam um desempenho insatisfatório em compreensão da linguagem, produção sintática e tarefas metafonológicas” (MOUSINHO et al, 2008, p. 298).

De acordo com Mousinho et al (2008), a linguagem contribui para a promoção da cognição (é possível observar a evolução da linguagem como apoio da cognição, a partir dos dois anos, sobretudo, no modo de brincar do sujeito) e comunicação (pode-se considerar diferentes modos de comunicação, a partir de gestos, olhares, desenhos, fala, entre outros). A aquisição da linguagem tem início nos primeiros meses de vida, de uma forma não-verbal, o que pode ser visto na comunicação da mãe com bebê através de olhares, gestos e expressões faciais. Neste momento, a criança começa a produzir sons, inicialmente de letras, depois de sílabas, palavras, frases e em seguida vem a comunicação por diálogos mais complexos.

O desenvolvimento da linguagem infantil é composto a partir do que é estabelecido como redes de interações, entre as crianças e adultos, desde a primeira infância. As interações sociais são imprescindíveis para o desenvolvimento do indivíduo. O início das relações e reações sociais aparecem entre o primeiro e o terceiro mês de vida do bebê, que com o passar do tempo, evoluem para interações cada vez mais complexas. Esse primeiro estágio é marcado por sorriso, choro, alguns recursos vocais e gestuais (VIGOTSKI, 1996).

Para Scopel, Souza e Lemos (2012), o desenvolvimento da linguagem não está apenas relacionado a fatores biológicos inatos, mas também às condições sociais e ambientais que a criança está inserida, esse meio tem grande influência na aquisição da linguagem, pois é o ambiente que lhe proporciona um desenvolvimento gradual ou não, já que quando há interações que estimulam e facilitam a comunicação a partir do nascimento.

De acordo com Vigotski (2018), o desenvolvimento do psiquismo nos seres humanos é um processo complexo onde o pensamento e a linguagem, inicialmente independentes, começam a se interligar de maneira intrínseca, portanto o pensamento e a linguagem são fundamentais para entendermos como se dá o desenvolvimento humano.

No início, as crianças experimentam uma “etapa intelectual” na linguagem e uma “etapa pré-linguística” no pensamento”. Ou seja, elas têm a capacidade de pensar antes de terem a capacidade de usar a linguagem para expressar esses pensamentos, e vice-versa. No entanto, com o tempo, esses dois processos se fundem: o pensamento se torna verbal e a linguagem se torna intelectual (RODRIGUERO, 2000).

O ponto crucial no desenvolvimento do psiquismo, segundo Vigotski (2000), ocorre quando a fala e a atividade prática, que antes seguiam caminhos separados, convergem. Isso dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata. A partir desse momento, o uso de signos (palavras, gestos, símbolos) é integrado às ações práticas, permitindo uma nova organização do comportamento. A criança começa a usar a linguagem para controlar e influenciar seu ambiente, o que, por sua vez, altera seu próprio comportamento.

Para Oliveira, Aquino e Salomão (2016), por meio do convívio entre adultos e crianças são estipuladas as interações que constituem a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades e de linguagem. No espaço de educação infantil, as interações com os educadores contribuem para o desenvolvimento social e da linguagem do sujeito, através de brincadeiras é possível a construção de símbolos. “Aprendizagem e desenvolvimento não entram em contato pela primeira vez na idade escolar, portanto, mas estão ligados entre si desde os primeiros anos de vida da criança” (VIGOTSKI, 2005, p.110).

O período pré-escolar se caracteriza pelo rápido desenvolvimento léxico, no qual as crianças acrescentam cerca de cinco palavras por dia, ampliando seu vocabulário com novas palavras e estabelecendo relações entre elas. O vocabulário infantil aumenta com uma rápida velocidade; aparecem as flexões de plural e de gênero. (REYES e PÉREZ 2014, apud OLIVEIRA; AQUINO; SALOMÃO, 2016, p.3)

Com o propósito de uma análise mais precisa a respeito da linguagem e vocalização das crianças, foram delimitadas categorias para análise de falas: *a fala espontânea*, comportamento não precedido por pergunta ou imitação, ex.: é árvore; *resposta verbal adequada*, resposta correta da criança, ex.: a mãe pergunta: você está comendo doce de quê?, a criança responde, estou comendo doce de leite; *resposta não verbal adequada*, a resposta é correta, mas não verbal, ex.: a mãe diz: vai e pega o lápis, a criança vai até o lápis e o segura; *não resposta*, a criança não responde a pergunta

feita; *repetição do enunciado*, a criança usa a mesma expressão usada pelo grupo ou sujeito interativo (OLIVEIRA; AQUINO; SALOMÃO, 2016).

Com base nas reflexões e estudos vistos acima a respeito do desenvolvimento da linguagem, a seguir será possível perscrutar sobre a relação entre a Psicologia Histórico-Cultural e o desenvolvimento da linguagem na primeira infância.

4. APLICAÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Conforme já citado neste estudo, a psicologia histórico-cultural fundamentou-se no materialismo histórico e dialético, que “é um sistema teórico-filosófico que afirma o trabalho social como atividade vital humana” (MARTINS, 2013, p.43).

Este trabalho social não é somente o trabalho como conhecemos hoje na lógica do capital, mas qualquer forma de criar, manter, produzir e reproduzir a vida. “O materialismo dialético é a lógica da realidade, da matéria em movimento, e portanto, a lógica da contradição” (MARTINS, 2013, p.43).

Para a mesma isso ocorre, pois no mundo está em constante transformação e esta transformação ocorre pois existem forças contrárias, conflitos ou contradições que levam algo a se transformar. Dito isto, a Psicologia Histórico-Cultural, compreende o ser humano como “um ser social cujo desenvolvimento condiciona-se pela atividade que vincula a natureza, um ser que a princípio não dispõe de propriedades que lhe asseguram, por si mesmas, a conquista daquilo que o caracteriza como ser humano” (MARTINS, 2016 p.14).

O desenvolvimento infantil segundo Vigotski (2009), não ocorre de forma isolada, mas é mediado pelas interações sociais e pela cultura na qual a criança está inserida. A PHC enfatiza que o aprendizado é um processo social e que as crianças internalizam conhecimentos através da interação com adultos e pares mais experientes.

Ou seja, a PHC entende a sociedade e a história através da interação entre forças, e o homem se torna homem à medida em que utiliza suas ações e interações com o mundo. A PHC considera o desenvolvimento humano como:

Aquisição das particularidades humanas, isto é, dos comportamentos complexos culturalmente formados, demanda a apropriação do legado objetivado pela prática histórico-cultural. Os processos de internalização, por sua vez, interpõe-se entre os planos das relações interpessoais (intersíquica) e das relações intrapessoais (intrapíquicas), o que significa dizer: instituem-se baseados no

universo da objetificação humanas disponibilizadas para cada indivíduo por meio de mediação de outros indivíduos, ou seja, por processos educativos (MARTINS, 2016 p.14).

Neste viés, aprendemos comportamentos complexos, como a maneira como agimos e pensamos, através da nossa cultura e história. Isso é chamado de prática histórico-cultural. A internalização é o processo pelo qual levamos o que aprendemos nas nossas interações com outras pessoas (relações interpessoais) e incorporamos isso em nosso próprio pensamento e comportamento (relações intrapessoais). Aprendemos a ser humanos observando e interagindo com as pessoas ao nosso redor e incorporando o que aprendemos em nosso próprio comportamento (MARTINS, 2016)

Vigotski (2009) identifica, primeiramente, uma diferença entre as propriedades psíquicas, as funções psicológicas elementares que, segundo Martins (2016), são atos reflexos que não diferenciam muito os seres humanos de outros animais. Além disso, as superiores se formam pela vivência e interação do ser com o mundo, de acordo com Martins (2016).

Após, introduz o conceito de signo, como algo especificamente humano, para Martins (2016) o signo se forma nos processos psicológicos superiores, é a junção da resposta da pessoa com o estímulo do ambiente e isto interpõe o novo elemento designado signo. Ou seja, é por meio dos signos que o psiquismo humano adquire seu funcionamento superior, mas isto depende da disponibilização destes signos ao humano, para a disponibilização destes signos.

Para isso, Vigotski refere-se primeiramente a um conceito chamado mediação, a mediação é o ato de oferecer os signos, mas não somente, também é um processo que ajuda a transformar como percebemos e entendemos a realidade ao nosso redor. Isso acontece porque a mediação introduz símbolos e conteúdos que representam essa realidade, segundo Martins (2013 p.59) “é a interposição que provoca transformações no comportamento, ampliando as capacidades psíquicas.”.

Isto significa que, alguém que detém o signo mediará de alguma forma o entendimento deste signo a quem ainda não o alcançou, fazendo assim a superação desta pessoa, o signo faz parte de um universo simbólico, ele tem um significado, mas não é palpável, a imagem que o signo carrega vem por meio da palavra, orientando o comportamento do sujeito na realidade.

Segundo Martins (2016 p.16) “Esse universo simbólico, por sua vez, resulta na atividade coletiva objetivada na cultura, sendo assim, revela-se uma produção supraindividual a ser compartilhada entre os homens e transmitida às novas gerações, ou seja, exige o ensino” ensino este necessário para o entendimento do signo, fazendo assim entendermos comportamentos complexos, na maneira que agimos e pensamos através da nossa cultura e história com mediações que nos apresentem signos.

A linguagem é uma ferramenta fundamental para a comunicação e interação humana, a partir do momento em que as crianças são capazes de identificar os sons da fala, e assim criar padrões sonoros, associando palavras e significados.

Segundo Vigotski,

Os primeiros anos de vida são fundamentais para o desenvolvimento humano, porque neles ocorre a formação das estruturas do psiquismo humano sobre o qual se desenvolvem as estruturas superiores do pensamento, decorrentes das relações estabelecidas pela criança com o mundo exterior (Vigotski, 1996 p.299 apud Martins, 2016 p.120).

A família, como o primeiro ambiente social da criança, desempenha um papel importante nesse desenvolvimento e através das interações diárias, as crianças aprendem a expressar suas ideias, desejos e intenções. É no meio familiar que elas têm suas primeiras experiências com a oralidade, já que os familiares são os primeiros indivíduos com quem a criança inicia sua comunicação.

Os laços afetivos formados dentro da família, particularmente entre pais e filhos, podem ser aspectos desencadeadores de um desenvolvimento saudável e de padrões de interação positivos que possibilitam o ajustamento do indivíduo aos diferentes ambientes de que participa (DESSEN; POLONIA, 2007 p.4).

De acordo com Vigotski (2009) é na primeira infância em que ocorre o desenvolvimento de pensamento e linguagem, sendo esse processo fundamental para evolução humana, sendo o pensamento uma forma de linguagem interior que auxilia na compreensão da matéria aprendida e quando unificada, se forma a verbalização, a linguagem. E na infância em que esse momento é inédito e único, a influência do meio familiar, ampara a criança de forma a estimular a ocorrência desse processo natural que é o desenvolvimento da linguagem.

Vigotski (2018, p.42) ainda afirma:

A fala da criança se desenvolve, por um lado, com base nas características hereditárias embrionárias e, por outro, sob a influência do meio. Isso está correto? Incontestavelmente, sim. Todavia, está

relacionado tanto à fala quanto, decididamente, ao desenvolvimento como um todo.

As conquistas da criança neste período de 0 a 3 anos são todas relacionadas à linguagem, e esta só se desenvolve por meio da colaboração entre o adulto e a criança, aqui é necessário a compreensão de um com o outro. A reorganização do pensamento infantil está diretamente ligada com as novas possibilidades adquiridas com a fala. Sendo a mediação semiótica, conceito da PHC, que atua diretamente nesse processo da linguagem e como a criança compreende e assimila as diversas influências ao uso da linguagem em seu ambiente de vivências Zanelato (2021).

No ambiente familiar, os pais, irmãos e outros cuidadores proporcionam os primeiros modelos de linguagem, engajando-se em interações verbais que são essenciais para o desenvolvimento cognitivo e linguístico das crianças, as histórias, músicas e rituais passados de geração em geração oferecem um rico vocabulário e uma estrutura narrativa que as crianças internalizam Monteiro e Rossler (2020). A exposição a diferentes contextos de uso da linguagem, como conversas durante as refeições, visitas a familiares e celebrações culturais, amplia a compreensão das crianças sobre as diversas formas e funções da linguagem (ZANELATO, 2021).

A mediação semiótica, mencionada por Zanelato (2021), é um conceito central na PHC e refere-se ao uso de signos, como a linguagem, para mediar a interação entre o indivíduo e o mundo. No contexto familiar, isso se manifesta por meio das conversas cotidianas, das histórias contadas e das brincadeiras que envolvem comunicação verbal, quando os pais conversam com seus filhos, explicam o significado das palavras, respondem às suas perguntas e incentivam a expressão verbal, eles estão utilizando a mediação semiótica para facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento da linguagem (DIAS; SANTOS & SILVA, 2023).

Esses momentos de interação verbal não apenas ajudam as crianças a adquirirem vocabulário, mas também a desenvolver habilidades de raciocínio e a capacidade de entender e participar de diálogos complexos.

Um conceito central na PHC é a “zona de desenvolvimento proximal” (ZDP), no qual refere-se à diferença entre o que uma criança pode fazer sozinha e o que pode fazer com a ajuda de alguém mais experiente. Na primeira infância, essa teoria destaca a importância do papel do adulto ou do mediador no processo de aprendizagem, quando uma criança enfrenta uma tarefa que está além de sua capacidade imediata, o suporte de

um adulto ou de um colega mais competente pode guiá-la através dessa zona, ampliando suas habilidades e conhecimentos (PIRES, 2022).

Particularmente relevante em ambientes educativos, em que o professor atua como mediador do conhecimento, proporcionando o suporte necessário para que a criança alcance novos níveis de compreensão e competência, outro elemento essencial da PHC é a mediação semiótica, já mencionada neste estudo no qual impactam no desenvolvimento do pensamento e da linguagem (ZANELATO, 2021).

Vigotski (2000, p. 396) argumentava que a linguagem é a ferramenta cultural mais poderosa e que seu desenvolvimento é fundamental para a construção do pensamento, entendendo que linguagem e pensamento não podem ser estudados separadamente “seria incorreto conceber o pensamento e a linguagem como dois processos em relação externa entre si, como duas forças independentes [...]”. Esta convergência entre linguagem e pensamento poderia ser exemplificada à explicação química da água. Veja:

Ele poderia ser comparado à análise química da água, que a decompõe em hidrogênio e oxigênio. Um traço essencial dessa análise é propiciar a obtenção de produtos heterogêneos ao todo analisado, que não contêm as propriedades inerentes ao todo como tal e possuem uma variedade de propriedades que nunca poderiam ser encontradas nesse todo. Ao pesquisador que procurasse resolver a questão do pensamento e da linguagem decompondo-a em linguagem e pensamento sucederia o mesmo que a qualquer outra pessoa que, ao tentar explicar cientificamente quaisquer propriedades da água - por exemplo, por que a água apaga o fogo ou se aplica à água a lei de Arquimedes -, acabasse dissolvendo a água em hidrogênio e oxigênio como meio de explicação dessas propriedades. Ele veria, surpreso, que o hidrogênio é autocombustível e o oxigênio conserva a combustão, e nunca conseguiria explicar as propriedades do todo partindo das propriedades desses elementos. (VIGOTSKI, 2000, p. 05).

Seguindo este mesmo raciocínio, Vigotski (2000) indica que o desenvolvimento humano deve ser analisado como uma síntese, assim como a água, da sua totalidade de vivências e relações sociais e culturais, não o desmembrando e o decompondo para analisá-lo em partes. Portanto:

A chave para explicar certas propriedades da água não é a sua fórmula química mas o estudo das moléculas e do movimento molecular. De igual maneira, a célula viva, que conserva todas as propriedades fundamentais da vida, próprias do organismo vivo, é a verdadeira unidade da análise biológica. A psicologia que deseje estudar as unidades complexas precisa entender isso. Deve substituir o método de decomposição em elementos pelo método de análise que desmembra

em unidades. Deve encontrar essas propriedades que não se decompõem e se conservam, são inerentes a uma dada totalidade enquanto unidade, e descobrir aquelas unidades em que essas propriedades estão representadas num aspecto contrário para, através dessa análise, tentar resolver as questões que se lhe apresentam. (VIGOSTKI, 2000, p. 08).

Vigotski (2000, p. 08) pondera que o elemento fundamental na confluência da linguagem com o pensamento é a palavra, isso porque a palavra é sempre acompanhada de significação. “Que unidade é essa que não se deixa decompor e contém propriedades inerentes ao pensamento verbalizado como uma totalidade? Achamos que essa unidade pode ser encontrada no aspecto interno da palavra: *no seu significado*.”

Este significado da palavra é um fenômeno tanto da linguagem quanto do pensamento. Conforme Vigotski (2000, p. 10), “não podemos falar de significado da palavra tomado separadamente. O que ele significa? Linguagem ou pensamento? Ele é ao mesmo tempo linguagem e pensamento porque é uma unidade do pensamento verbalizado.” Portanto, “[...] o significado é parte inalienável da palavra como tal, pertence ao reino da linguagem tanto quanto ao reino do pensamento. Sem significado a palavra não é palavra, mas som vazio. Privada do significado, ela já não pertence ao reino da linguagem”.

Neste sentido, Vigotski (2000, p.398) afirma que “a palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra.” O autor continua:

Assim, o significado da palavra é, ao mesmo tempo, um fenômeno de discurso e intelectual, mas isto não significa a sua filiação puramente externa a dois diferentes campos da vida psíquica. O significado da palavra só é um fenômeno de pensamento na medida em que o pensamento está relacionado à palavra e nela materializado, e vice-versa: é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por sua luz. É um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a unidade da palavra com o pensamento (VIGOTSKI, 2000, p. 398).

Na primeira infância, as interações verbais entre a criança e os adultos são vitais, como as histórias, as conversas cotidianas e as instruções verbais ajudam a criança a internalizar conceitos e a desenvolver habilidades de raciocínio, além disso, a linguagem permite que a criança compartilhe experiências e conhecimentos,

promovendo um entendimento mais profundo do mundo ao seu redor (MARQUES, 2021).

A aplicação da Psicologia Histórico-Cultural na primeira infância enfatiza a importância das interações sociais e culturais no desenvolvimento infantil, através da mediação, as crianças constroem conhecimento e desenvolvem habilidades que são fundamentais para seu crescimento cognitivo e emocional. A família desempenha um papel fundamental como mediadores e facilitadores desse processo, proporcionando um ambiente rico em estímulos e apoio. Ao compreender e aplicar os princípios da PHC, podemos promover um desenvolvimento mais saudável e integral para as crianças, preparando-as para enfrentar os desafios futuros com confiança e competência (TORRES & MOURÃO, 2021).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão bibliográfica realizada é possível concluir que o ambiente familiar desempenha um papel indispensável no desenvolvimento da linguagem das crianças na primeira infância. O ambiente doméstico é fundamental para a aquisição e desenvolvimento das habilidades linguísticas e de comunicação. Nesse sentido, a Psicologia Histórico-Cultural, oferece uma perspectiva para entender como essas interações influenciam o desenvolvimento da linguagem.

Desde o período embrionário, sofremos influência do ambiente ao redor, e essa influência continua durante toda a nossa existência. Na infância, as interações com os adultos, especialmente no ambiente familiar, são importantes para o desenvolvimento das primeiras ações sensoriais e motoras, que são a base para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. A mediação, como proposta por Vigotski, permite que as crianças internalizem os signos e símbolos culturais, transformando-os em ferramentas para o pensamento e a comunicação.

Com isso em vista, damos ciência da importância do ambiente familiar e das interações sociais no desenvolvimento da linguagem das crianças. Ao promover um ambiente rico em estímulos e interações positivas, é possível apoiar o desenvolvimento cognitivo das crianças, contribuindo para seu desenvolvimento pleno.

REFERÊNCIAS

- DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 17, p. 21–32, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>. Acesso em: 10 de setembro de 2024.
- DIAS, R. F.; SANTOS, T. R. L.; SILVA, F. D. A. Educação Ambiental: Descobertas e aprendizagens com crianças da Educação Infantil. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17744>. Acesso em: 03 de agosto de 2024.
- FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento humano psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 64-81, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100005>. Acesso em: 07 de junho de 2024.
- GLOZMAN, J. A. **A prática neuropsicológica fundamentada em Luria e Vygotsky: avaliação, habilitação e reabilitação na infância**. Trad. de Carla Anauate. São Paulo: Editora Memmon, 2014. 300 p.
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978. 356 p.
- MARQUES, A. C. T. L. Ciências na Educação Infantil: a contribuição da Pedagogia Histórico-Crítica. **XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências-XIII ENPEC**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enpec/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV155_MD1_SA101_ID82_14072021144410.pdf. Acesso em: 15 de julho de 2024.
- MARTINS, L. M. Os fundamentos psicológicos da pedagogia histórico-crítica e os fundamentos pedagógicos da psicologia histórico-cultural. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 5, n.2, p. 130–143, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/gmed.v5i2.9705> Acesso em: 06 de setembro de 2024.
- MARTINS, L. M. Psicologia Histórico-Cultural, Pedagogia Histórico-Crítica e Desenvolvimento Humano. *In*: MARTINS, L. M; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico: Do Nascimento à Velhice** (1.ed). Campinas: Autores Associados, 2016. 384 p.
- MARTINS, O. B.; MOSER, A. Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch The conception of mediation in Vigotsky, Leontiev and Wertsch. **Revista Intersaberes**, v. 7, p. 8-28, 2012. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/245>. Acesso em: 03 de julho de 2024.

MONTEIRO, P. V. R.; ROSSLER, J. H. A unidade afetivo-cognitiva: aspectos conceituais e metodológicos a partir da Psicologia Histórico-cultural. **Psicologia Revista**, v. 29, n. 2, p. 310-334, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2020v29i2p310-334>. Acesso em: 29 de julho de 2024.

MOUSINHO, R. et al. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso. **Rev. Psicopedag.** São Paulo, v. 25. n. 78. p. 297-306, 2008. Disponível em; http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862008000300012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 de julho de 2024.

OLIVEIRA, K. R. S. de; AQUINO, F. de S.B.; SALOMÃO, N. M. R. Desenvolvimento da linguagem na primeira infância e estilos linguísticos de educadores. **Avanços na Psicologia Latino-Americana**. p. 457–472, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.12804/apl34.3.2016.02>. Acesso em: 26 de maio de 2024.

PASQUALINI, J. C. A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. **Psicologia Em Estudo**, v.14, n.1, p. 31–40, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/RWgYJCJ8KJvkYfjzvDbcF3PF/> Acesso em: 18 de junho de 2024.

PASQUALINI, J. C. A teoria histórico-cultural da periodização do desenvolvimento psíquico como expressão do método materialista dialético. In: MARTINS, L. M; ABRANTES, A. A; FACCI, M. G. D. **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico: Do Nascimento à Velhice** (1.ed). Campinas: Autores Associados, 2016. 384 p.

PIRES, A. A. S. As contribuições e limitações da psicologia histórico-cultural no ensino de ciências e biologia dos artigos publicados no enebio. **Repositório Institucional da UFPB**, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/25563>. Acesso em: 11 de setembro de 2024.

SCOPEL, R. R.; SOUZA, V. C.; LEMOS, S. M. A. A influência do ambiente familiar e escolar na aquisição e no desenvolvimento da linguagem: revisão de literatura. **Revista CEFAC**, v. 14, n. 4, p. 732–741, jul. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-18462011005000139>. Acesso em: 04 de setembro de 2024.

PRESTES, Z.; TUNES, E. **Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia / L. S. Vigotski**. Trad. Cláudia da Costa Guimarães Santana. - 1. ed. - Rio de Janeiro: E.Papers, 2018. 176 p.

RODRIGUERO, C. R. B. O desenvolvimento da linguagem e a educação do surdo. **Psicologia em Estudo**, v. 5, n. 2, p. 99–116, 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pe/a/XQCr6SWDty6CJgvzh7Zn4vQ/>. Acesso em: 18 de maio de 2024.

SILVA, T. M. R.; BARROSO, F. dos R. A brincadeira como instrumento de desenvolvimento na Educação Infantil a partir da teoria de Vigotski. **Ensino Em Perspectivas**, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/8906>. Acesso em: 22 de junho de 2024.

TORRES, R. F.; MOURÃO, A. R. B. A PHC, A psicologia-histórico-cultural, a historiografia da alfabetização brasileira e os nexos para um problema de pesquisa. **Revista Exitus**, n. 11, p. 67, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/356798194_A_PHC_A_PSIKOLOGIA-HISTORICO_CULTURAL_A_HISTORIOGRAFIA_DA_ALFABETIZACAO_BRASILEIR_A_E_OS_NEXOS_PARA_UM_PROBLEMA_DE_PESQUISA. Acesso em: 15 de julho de 2024.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 520 p.

VIGOTSKI, L. S. **Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar**. Psicologia e Pedagogia: as bases da aprendizagem e do desenvolvimento. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. São Paulo: Ática. 2009. 128 p.

VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia / L. S. Vigotski**; organização [e tradução]; Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; tradução Cláudia da Costa Guimarães Santana. - 1. ed. Rio de Janeiro. E-Papers, 2018. 178 p.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. v. 4. Madrid: Visor, 1996. 707 p.

ZANELATO, E; URT, S. da . A atividade pedagógica para adolescentes: contribuições da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em estudo**, v. 26, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v26i0.45690>. Acesso em: 18 de setembro de 2024.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Leonardo Marcon Lorençato: Autor

Maria Eduarda Sampaio Athaides: Autora

Patricia Alves Pereira: Autora

Ronaldo Pereira Barboza: Orientador